

Angelo Passos

Jornalista, escreve às sextas-feiras neste espaço

/// A grandeza do poço de Libra só se confirmará para o país se a exploração impulsionar a participação do setor de transformação do PIB. Isso é um desafio

O que Libra vai mudar?

O campo de Libra abre caminho para o Brasil liderar no futuro a produção de óleo em águas profundas. Estimam-se que por lá estejam 12 bilhões de barris equivalentes de petróleo, com qualidade comercial. Paralelamente, o pré-sal continuará a crescer. Outras reservas serão partilhadas. Essa pintura de cenário presenteia o país com fantástica oportunidade de impulso econômico a longo prazo. Desde que tenha competência para aproveitá-la. O desafio está posto.

Imagina-se a possibilidade de, ao final de duas décadas, a costa brasileira passar a produzir mais de 5,5 milhões de barris/dia, escala que garante invejável capacidade de exportação, se até lá não surgirem fontes de energia mais vantajosas em termos econômicos e ambientais.

Tirar óleo de Libra é uma viagem tecnológica que antes parecia surreal. A jazida está a uma profundidade de 5 mil metros, sob o leito ro-

choso do Atlântico. Além disso, é protegida por sedimentos salinos de até dois quilômetros de espessura. Vencer esses obstáculos requer know-how tão expressivo cujo objetivo não pode se restringir à produção de commodities. Libra não deve ser vista só como estoque para exportação de óleo bruto. A pauta de embarques já está recheada de commodities – o que é ridículo para o nosso potencial.

A exploração do megacampo do pré-sal induzirá volume de investimentos superior a US\$ 180 bilhões nos próximos 30 anos, segundo estimativa do governo. Isso representa caminho para o país fugir do fantasma da “doença holandesa”, caracterizada pela abundância de recursos naturais e atrofia do setor manufatureiro.

A “doença holandesa” vem sendo discutida há anos, em função do declínio da participação da indústria de transformação no PIB. Com a expansão da atividade petroleira, não é possível que o país não tenha capacidade de formular políticas para potencializar o efeito multiplicador.

“Estamos na madrugada de uma revolução na economia brasileira”, disse o ministro das Minas e Energia, Edison Lobão, referindo-se a Libra. Apesar do tom político, tomara que ele tenha razão.

